

aurora obreira

Revista Bimestral Anarcosindicalista do SINDIVÁRIOS de Campinas - Março/Abril 2010

08 março: mulheres na luta!



**Mulheres em luta, a
emancipação é luta de
todxs!**

**Voto Nulo: uma mudança
de atitude**

**Fevereiro Antifascista,
ações diretas**

**Ocupação de fábricas e
campos**

**Organização Anarco-
sindical**

**Entre a Plataforma e o
Partido**

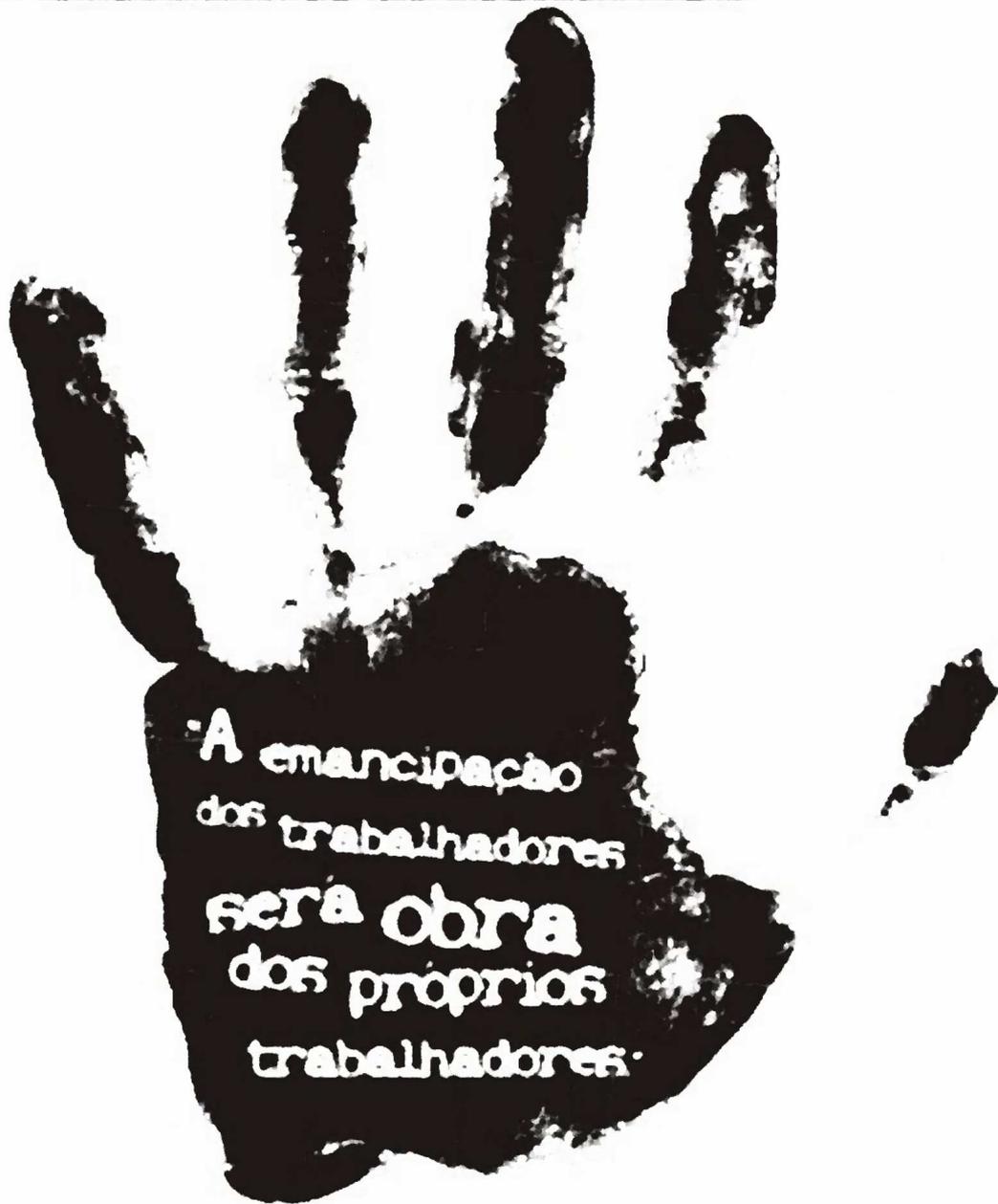
**História de Exploração:
Café**

**Haiti, demagogia da
tragédia**

La Internacio...



SINDICALIZE-SE E LUTE PELOS SEUS DIREITOS



A PLEBE



Esta Revista contém:

Redação	04
Voto Nulo: uma mudança de atitude	05
Mulheres em luta: a emancipação é luta de todxs!	06
Fevereiro Antifascista, ações diretas	08
Ocupação das fábricas e campos	09
Cooperativismo ou corporativismo?	10
Organização Anarco-sindical	13
Entre a Plataforma e o Partido	15
Repressão forte e existente	21
História de Exploração: café	22
Haiti, demagogia da tragédia	23
Por que ser contra a invasão do Haiti?	24
La Internacio	25
Prosa e Verso	26



Da redação

Está segunda edição está maior, com mais textos e imagens de nossa luta. Em destaque o 08 de março, dia internacional de luta das mulheres. Confira!

Com as colaborações de companheiros, temos textos para reflexão e versos para nossa apreciação, os quais agradecemos.

Veja também textos sobre o Haiti, Cooperativas, Anarquismo e plataforma, que vem trazendo discussões dentro do anarquismo devido sua prática de alianças com partidos e organizações estatais, o que causa muito estranhamento no meio anarquista. Importante para o entendimento dessa prática e suas repercussão em noso meio.

A construção do comunismo libertário é nossa obra!



Sindicato de Ofícios Vários de Campinas

Seção campineira da Federação Operária de São Paulo (F.O.S.P), associado a Confederação Operária Brasileira (C.O.B.) e a ACAT e AIT

aurora obreira

Redação: FOSP seção Campinas
Editoração: Sindivários Campinas Revisão: Sindivários de Campinas
Imagens: Arquivo Bem Estar e Liberdade e Biblioteca Social Edgard Leuenroth
Esta revista foi inteiramente desenvolvida em softs livres: Inkscape, GIMP e Scribus em plataforma operacional Linux: Ubuntu 9.4

Contatos:
Secretariado da COB-AIT: secretariado@cob-ait.net
FORGS: forgs@cob-ait.net
FOSP: fosp@cob-ait.net
FOM: fom@cob-ait.net
FOGO: fogo@cob-ait.net
CEPS: ceps_ait@forgs.cob-ait.net
FOSP Alto do Tiete: altotiete@fosp.cob-ait.net
FOSP Artes e Espetaculos: auroraobrera@yahoo.com.br
FOSP Franca: franca@fosp.cob-ait.net
FOSP Sao Paulo: saopaulo@fosp.cob-ait.net

Sindivários Campinas - Caixa Postal: 5005 - CEP: 13036-970 - Campinas/SP
correio eletrônico: campinas@fosp.cob-ait.net

Aurora Obreira - Revista Anarcosindicalista - nº 01 - COB-AIT - janeiro/fevereiro 2010. Revista do Sindivários Campinas, divulgando e informando sobre o anarcosindicalismo, base para comunismo libertario.

Sobre Licença Creative Commons:

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.5/br/>:

Você pode: * copiar, distribuir, exibir e executar a obra * criar obras derivadas Sob as seguintes condições: * Atribuição. Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante. *Uso Não-Comercial. Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais. *Compartilhamento pela mesma Licença. Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

<http://fosp.anarkio.net>
<http://cob-ait.net>
www.iwa-ait.org

A EMANCIPAÇÃO DOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS É OBRA DOS PRÓPRIOS EXPLORADOS E OPRIMIDOS





Voto Nulo: uma mudança de atitude

O voto nulo ou não votar não é apenas um protesto vazio, ou sem fundamento.

Os milhares de anarquistas que o defendem sustentam que o sistema político, econômico e social não pode ser mais mantido e um dos seus legitimadores é o processo eleitoral. Sua função é fazer a manutenção do sistema através de um processo de escolha de representantes da sociedade em um meio já demarcado e que dificilmente fará mudanças profundas que atendam as necessidades de nossa gente.

O processo político no país não é para resolver os problemas de nossa gente e sim resolver os problemas dos grupos dominantes que possuem acesso livre dentro dos ministérios e gabinetes políticos

O importante nesse modelo não a ética e nem a moral, mas as vantagens e influência que cada grupo consegue. É claro que as vezes algumas medidas mais populistas e de efeito comésticos e assistencialistas são feitas, para abrandar os mais impacientes e cair nas graças de elogios reformistas da mass midia.

Enquanto isso, nossa gente passa apertado e não tem atendida de verdade suas necessidades. Só promessas e pedidos de paciência. Isso deve ser rompido!

Não podemos ficar reféns do modelo eleitoral e ficar aguardando de 2 em 2 anos a vinda de algum messias ou chefe carismático que fará cair comida do céu.

Temos um caminho diferente e contrário ao processo eleitoral que exige o comprometimento sério, uma mudança de atitude de nossa gente. Propomos romper com o processo eleitoral e formar ações locais com autogestão dos meios de produção e de sua distribuição, assegurando que a emancipação de nossa gente será feita por ela mesma.

Nossa gente não pode entrar no jogo capitalista de ficar esperando as coisas acontecerem. O capitalismo possui todas as forças, tem acesso a tudo e não deixará que isso acabe. É necessário o rompimento.

O voto nulo vai além do protesto, é parte de uma proposta revolucionária de liberdade e justiça sem Estado, sem patrão, sem partidos.

**08 de março: mulheres
na luta!**



Mulheres em luta: a emancipação é luta de todxs!

A luta por direitos no trabalho levaram a tragédia do dia 08 de março, quando um grupo de mulheres em greve, ocupando uma indústria têxtil nos EUA foram assassinadas por um incêndio criminoso. Desde então essa data ficou marcada como um dia da luta internacional das mulheres, que não é senão a luta de todos por sua emancipação contra a exploração e opressão.

As mulheres e homens estão lado a lado na luta e não estão em guerra entre si. A exploração e opressão é tão difícil para um grupo

como para outro. É sempre importante entendermos que todxs de nossa classe são companheiros e não podemos reproduzir as relações de desigualdade que o sistema nos impõe. A liberdade que lutamos é para todxs, sem exceção.

Os avanços e conquistas que as mulheres obtiveram nesses 80 últimos anos foram grandes, não podemos negar e uni-las as propostas de emancipação de nossa gente, para que essas conquistas tenham sentido libertário, revolucionário e não serem apenas efêmeras concessões reformistas ou liberais. O entendimento disso leva a não fragmentar nossas lutas, mas uni-las formando um movimento amplo de ação direta por nossas necessidades.

A morte de milhares de mulheres, a exploração e opressão de

milhões não serão apenas uma discussão de gênero ou enquadradas em algumas leis paliativas.

Acima de tudo, em um processo revolucionário, todxs somos iguais e lutaremos unidxs por nossa liberdade, por justiça, cada umx tão igual como outrx companheirx.

Lembremos o 08 de março, dia de todxs xs lutadorxs!

Companheiras e guerreiras!

Atualmente milhões de mulheres sofrem discriminações diversas, opressão e exploração extremas em jornadas triplas de trabalho e recebendo menos que os homens nas mesmas funções. Porém, temos exemplos de guerreiras que assumiram a luta de emancipação social, enfrentando os preconceitos e repressões de uma sociedade conservadora autoritária.

Temos ao lado as imagens de Maria Lacerda de Moura (acima) e de Maria Gomes de Oliveira, Maria Bonita (abaixo).

Duas mulheres de fibra que estiveram a frente de seu tempo, com suas paixões e ações dignas de luta e resistência contra a ignorância e repressão de seu tempo. Uma, anarquista que nos deixou textos e ações e atividades nas várias entidades sindicais vinculadas a FOSP. A outra, cangaceira que optou corajosamente há uma vida cheia de perigos, onde morreu de pé, lutando.

Só podemos deixar aqui nosso profundo respeito a todas que fazem realmente a diferença na luta de emancipação humana da qual todx somos responsáveis.



Fevereiro Antifascista: ações direta

Em dez anos de muitas atividades, mais uma edição do Fevereiro Antifascista ocorre. Grupos anarquistas se unem para promoverem gigs, atividades, publicações em prol da liberdade e justiça.

São atividades que trazem as lutas contra o totalitarismo de direita e de esquerda que defendem o nacionalismo, a xenofobia, a homofobia, a supremacia étnica, a ditadura, o Estado, os partidos, as forças armadas, isto é, tudo que esteja relacionado com hierarquia, autoritarismo e violência.

Na ótica econômica no Brasil, o totalitarismo tem raízes com a invasão dos portugueses que

destroem civilizações indígenas inteiras.

Na história recente, temos na ditadura de Getúlio Vargas um triste marco. Com a instituição do modelo fascista nas relações de trabalho, temos quase 80 anos de fascismo trabalhista levando gerações de trabalhadores para a exploração extrema e opressão sufocante. Nos 15 anos de ditadura getulista, o desmantelamento dos sindicatos revolucionários foi uma constante.

O modelo baseado na Organização Internacional do

Trabalho regula o trabalho para que seja eficiente para o capital e somente para os interesses do capital. Fomenta o corporativismo, a fragmentação do trabalho e o isolamento dos trabalhadores, facilitando o controle e repressão por leis oriundas do fascismo e da OIT. Isso satisfaz plenamente as necessidades do capitalismo internacional momentaneamente, mas como nunca está satisfeito procura retroceder as conquistas dos trabalhadores e

pressiona sempre para que aumente as flexibilização, as péssimas condições de trabalho ou simplesmente que se avance na tecnologia de produção, reduzindo a mão-de-obra e aumentando os lucros.

Na constituição de 1988, pouca coisa se fez, meditas cosméticas que pouco alteraram as relações

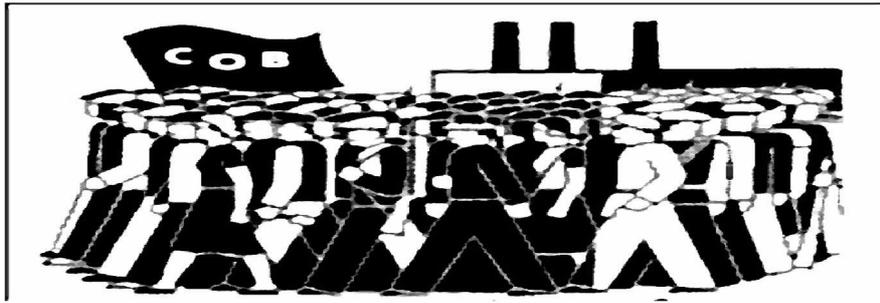
EM LUTA



ANTIFASCISTA

corporativísticas no meio obreiro. A herança maldita de Getúlio se mantém até hoje, assolando o sindicalismo livre e revolucionário. A luta sindical deve ser feita principalmente nos próprios locais de trabalho e não nos escritórios de advogados e das direções sindicais reformistas.

Cabe unirmos e rompermos com o modelo fascista, isso se dá formando sindicatos livres de ramos de profissão e federalizando-o de forma autogestionária, visando constituir as bases do comunismo libertário.



Ocupação das fábricas e campos: emancipação dos trabalhadores

Ocupar fábricas e campos é um caminho importante para o processo de emancipação dos trabalhadores.

Devemos atuar para que se multipliquem essas ações de tal forma que os trabalhadores assumam o controle total dos meios de produção nos campos e cidades. Isso é um passo importante para a construção do comunismo libertário e a abolição do Estado e do patronato.

Não podemos entregar a gestão e o controle das ocupações para os partidos ou para ideias de estatização. O motivo é muito simples: lutamos para abolir o patronato. Uma vez isso feito, é contraditório entregar aquilo que conseguimos para o Estado (que não deixa de ser um patrão). Um ou muitos, patrão é patrão, é exploração e opressão, mesmo que este se diga ser “a ditadura do proletariado”. A esquerda institucional não fará nada que rompa com o sistema que o sustenta, querem o controle do Estado e não o seu fim o que não resolve as questões de exploração e opressão. O se rompe de vez com o Estado ou se fracassa a revolução, não há um meio termo.

O processo de ocupação é um

processo educativo, onde os trabalhadores aprendem na prática o que sabem intuitivamente, que as fábricas e campos são de quem produz, as riquezas também e devem ser repartidas entre os produtivos, entre iguais e não para que alguns passem muito bem, como empresários, latifundiários, patrões em geral e todos que se beneficiam com o modelo de desigualdade social que é o capitalismo e suas variações diversas como democracias, republicas, ditaduras etc.

Fazer não uma, mas milhares de ocupações é promover ação direta, autogestão que são instrumentos de libertação de nossa gente e não pode ser um meio para reformistas que querem a estatização.

O anarco-sindicalismo tem nas ocupações dos campos e fábricas, uma técnica de luta em prol da emancipação social. Avancemos!





Cooperativismo ou corporativismo?

Cooperativas são bem comuns hoje em dia para os trabalhadores, porém antigas gerações não conhecem muito e as mais antigas conhecem muito melhor.

Hoje em dia o que é muito comum a oferta de trabalho em regime de cooperativismo mais do que a forma comum sobre registro da carteira de trabalho.

Mais nem sempre foi assim, no início do século passado aproximadamente na primeira década os trabalhadores eram brutalmente explorados de domingo a domingo por um salário de fome e uma longa jornada de trabalho de 14 a 16 horas por dia, submetidos a maus tratos e a falta de equipamento de segurança e também era muito comum se encontrar crianças no quadro de trabalhadores das fabricas. Nos bairros operários apesar de toda exploração patronal e repressão

policial, havia muita energia para montar e resistir com as organizações sindicais livres e de princípios libertários, devido a grande influência de imigrantes.

Nos bairros se organizavam sindicatos para lutar e organizar a classe trabalhadora, dentro desse conceito de organização sindical revolucionária se fez nascer uma forma de se livrar do patronal com os poucos recursos que existiam, assim criaram organizações livres chamadas de cooperativas operárias.

As cooperativas operárias são formas de trabalho coletivo e apoio mútuo dentre os trabalhadores que sobre o regime de autogestão decidiam em assembleia como e quando iriam trabalhar além de repartir as tarefas e os lucros de forma igualitária em que cada um recebia de acordo com seus esforços. Essa forma grandiosa de trabalhar foi crescendo e como os trabalhadores transformavam a matéria prima e negociavam seus produtos diretamente com compradores, o patronato viu naquela forma de trabalho auto-sustentável um grande mal e também a medida que a ideia se expandia mais e mais, o patronato ia ficando sem mão-de-obra ou ainda pior tendo que competir com os seus antigos empregados.

O modelo foi chamando muita atenção, e como sempre a medida que o patronato se sentia ameaçado, entrava com recursos para reprimir os trabalhadores. A policia começou a intervir e a acabar com as cooperativas. Muitas foram saqueadas e roubadas além de ter o equipamento danificado, a policia

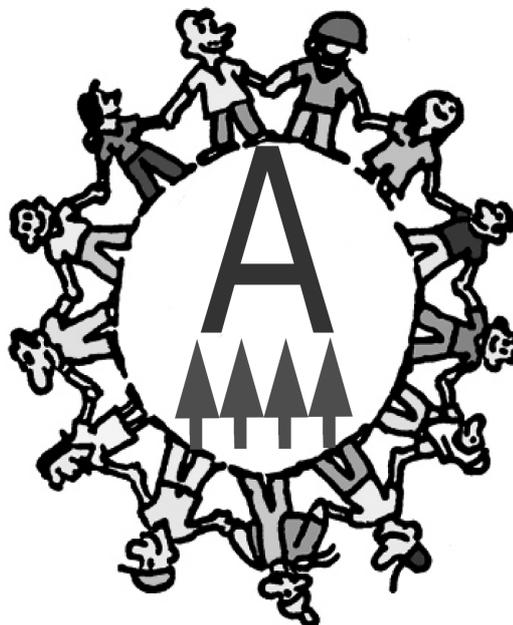
reprimia de forma brutal os trabalhadores e os prendiam. Os imigrantes muitos deles tiveram que ser deportados sobre a acusação de anarquismo ou agitar sindical. E assim uma grande forma de organização autogestionária foi sendo cassada exterminada pela burguesia, porem se manteve em resistência durante todo o tempo mais de forma menos evidente e também nas zonas rurais bem afastados dos grandes centros urbanos.

As antigas gerações pouco conheceram ou ouviram falar desse sistema de trabalho autogerido, porem de algumas décadas ate os dias atuais foi ficando muito comum o uso da palavra porem a pratica longe de ser a mesma. A burguesia cada vez mais, cria formas de explorar mais a classe trabalhadora e um dessas formas foi a criação desse sistema que coopta o nome de cooperativismo onde uma ou algumas pessoas fundam uma cooperativa de um ou mais ofícios e cada trabalhador se torna cooperado, porém não tem os mínimos direitos garantidos tudo fica na base da palavra porém o trabalho é o mesmo ou maior. As pessoas se tornam cooperadas porém não há uma divisão justa dos lucros e recebem bem menos do que receberiam se trabalhassem sobre registro em carteira, sem férias e nem FGTS, não tem como reclamar por que são cooperados.

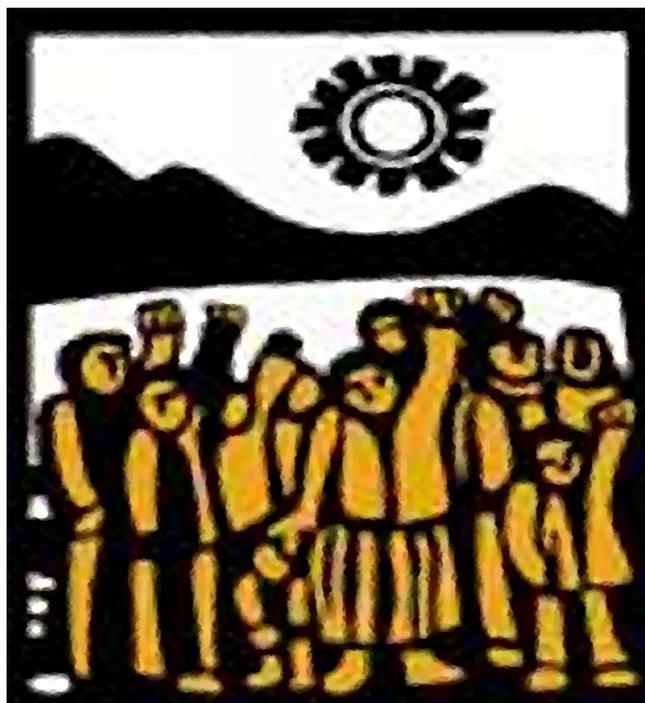
São cooperados na hora do esforço laboral mais são meros funcionários na hora do pagamento.

Esse sistema é muito comum por ser uma farsa, pois os trabalhadores trabalham e muitos são dispensados sem receber por nada que trabalhou.

Cooperativas Libertárias



SEM ESTAO, SEM PARTIDO, SEM PATRÃO!



Os donos das cooperativas, os que nunca chegam a uma linha de trabalho ou de produção, recebem todos os lucros, mais isso não é ser um patrão? Não de acordo com a constituição burguesa que permite essa prática cada vez mais comum na vida dos trabalhadores. Essa forma barata de se explorar ganhou atenção devido a facilidade de serem criadas por lei, de se explorar, já que com os gastos de um trabalhador por exemplo, os donos das cooperativas (patrões) pagam 2 trabalhadores ou até mesmo mais e não tem a dor de cabeça de que estes trabalhadores se lancem em greve, pois os mesmos de imediato são desligados sem um tostão e suas vagas abertas para outros trabalhadores, a burguesia e o Estado investem muito nessa forma escrava de trabalhar e até mesmo os trabalhos que antes se conseguia através de concursos esta sendo substituídos pela terceirização e uso de cooperativas.

Essas organizações são verdadeiramente corporações capitalistas de exploração, uma única cooperativa pode ter infinitos ramos de trabalhos, ou seja, pode ser de vários ofícios ao mesmo tempo sendo um ou uns únicos senhores da cooperativa e milhares de trabalhadores com sua mão de obra trabalhando por miséria sem equipamentos de proteção adequados e sem direito a reivindicar nada ou de se organizar pois ao primeiro sinal de organização trabalhista o mesmo é desligado. O que também leva aos trabalhadores a desempenhar um trabalho mal feito, pois o mesmo cometendo vários erros simplesmente é enviado para outro local de trabalho

já que a cooperativa da assistência a muitos e outro entra no seu lugar fazendo que as pessoas não se empenhe nos seus trabalhos nem evoluam em suas técnicas e conhecimentos no ofício desempenhado.

Devemos estar atentos a essa forma de exploração que leva o nome da organização livre que nasceu dentro do sindicalismo revolucionário mais que exerce o papel desgraçado do patronal e declarar guerra ao trabalho escravo ao trabalho sem direitos a exploração capitalista do trabalhador.

Criemos nós verdadeiras cooperativas com base no principio da autogestão e da verdadeira cooperativa que nasceu dentro do sindicalismo revolucionário nos bairros operários no século passado, propaguemos organização livre contra as corporações capitalistas que escravizam a classe trabalhadora, organizemos sindicatos livres e revolucionários para nos organizar e combater toda opressão burguesa que estrangula o proletariado e matam a vida na terra. Organiza te e luta conosco.

Por: Aurora de esperança.





Organização anarco-sindical

A COB é uma organização sindicalista revolucionária baseada nos princípios da AIT, da qual é uma associada. Esses princípios são muito próximos do anarquismo, por isso há uma grande afinidade anarco-sindicalista. A COB não é anarco-sindicalista por que não optou por constituir sindicatos anarquistas ou só de anarquistas, mas de todos que aceitem os conceitos da AIT, podendo ter em seus quadros pessoas de partidos, de conceitos ideológicos diferentes, desde que aceitem os princípios da AIT.

O que vemos é que sindicalismo revolucionário estabelece condições de liberdade, de federalismo e autogestão que repelem quaisquer um que queira dominar a AIT. E isso acarreta em que o anarco-sindicalismo seja o que melhor combina e se mantenha na AIT como conceito de referência levando até a associar as duas ideias em uma só.

Quais as principais características do anarco-sindicalismo? liberdade de seus associados e associações, federalismo autogestionário, antiestatismo, antimilitarismo, antitotalitarismo que também estão presentes nas bases de acordo do sindicalismo revolucionário, o que levam a serem atualmente a mesma coisa.

Ação Local, essência do anarco-sindicalismo!

Em tudo isso é necessário frisar que a luta local é o motor revolucionário, onde se dá os maiores confrontos que muitos desdenham como irrisório ou sem importância.

É importante que ocorram e com a maior frequência possível as ações locais, um meio educativo para a luta anarco-sindical. Não podemos nos dar ao luxo de manter o modelo reformista que faz a luta sindical nos escritórios de advocacia e nas delegacias do trabalho. Para o anarco-sindicalismo, essas lutas são secundárias e devem estar anexadas a luta principal no local de trabalho, onde efetivamente nossa gente faz toda a diferença. O uso das assembleias locais é imprescindível nessa situação, até para por a par da situação e mobilizar, atrair e educar os trabalhadores nessa forma de atuar, saindo da letargia e do comodismo reinante.

As necessidades dos trabalhadores acima das necessidades do capital.

Feito essa importante ressalva, ação local deve ser efetuada para e sempre para as necessidades dos trabalhadores, de nossa gente, dos oprimidos e explorados. As necessidades do capital é a destruição de nossa classe, é a dominação e repressão para satisfazer os interesses gananciosos do sistema. Não podemos mante-lo! Para isso as técnicas de luta anarco-sindicalista se faz presente, desde as simples denúncias verbais até ocupações de fábricas e campos com greve gerais de todos os ramos de profissão.

Os interesses do capital é manter a produção e a normalidade que assegura a propriedade e todos os direitos de roubo e assassinado que o sistema utiliza para se manter e ampliar sua exploração e opressão. Os nossos interesses são opostos, queremos a liberdade, a autogestão e o fim da exploração e opressão, abolindo a propriedade como forma de especulação social.

Esses interesses antagônicos são reais e não há mascara da propaganda, da mídia que faça sumir. O capital gasta enormes riquezas em propagandas e em notícias que o sistema está bem, que a harmonia social é uma realidade, fruto da democracia.

Uma grande mentira!

Nossa gente nos campos e nas periferias amargam com o abandono e descaso que levam a mais miséria nossa gente.

As nossas necessidades não podem se submeter a lógica do capital, mas a nossa consciência de luta. A legalidade da opressão e repressão nossa legitima solidariedade de emancipação, nada temos a perder, a não ser nossas algemas!





Entre a Plataforma e o Partido

As tendências autoritárias e o anarquismo

O anarquismo é um movimento com multiplicidade de tendências, cujo fim geral é fundar uma sociedade sem explorados e oprimidos, abolindo toda forma de governo e de propriedade dos meios de produção, eliminando as classes sociais e seus privilégios. Esse esboço descritivo compreende a maioria das tendências que se denominam anarquistas: individualistas, organizacionistas, comunistas, coletivistas, plataformistas, anarco-sindicalistas, anarco-primitivistas. Contudo, apesar desta diversidade de tendências, emerge, a partir de certos grupos, uma conformação organizacional de cunho partidária.

Geralmente, esta proposta tem como ponto de partida a plataforma estrutural que, lá pelos anos 20, foi escrita pelo, então, exilado Makhno, Archnov e outros destacados militantes anarquistas russos, forçados a sair da Rússia bolchevique. Este documento

propunha a reorganização do anarquismo na Rússia, incorporando – sem reconhecê-los – elementos de corte leninista, com a intenção de superar os erros que haviam levado à derrota anarquista frente à preponderância bolchevique, durante a Revolução Russa. Dentro desta linha plataformista se destaca Works Sodarity Moviment (Irlanda) NEFAC (EUA), Aliança dos Comunistas Libertários (México), a Organização Comunista Libertária (Chile), Federação Anarquista Gaúcha (Brasil) e a OSL (Argentina). Nos anos 60 e 70, outras tendências, que se reconhecem abertamente plataformistas, têm esboçado uma paralela influência com a Revolução Cubana. A principal referência desta linha é a Federação Anarquista Uruguaia, organização paradigmática e fonte de inspiração de organizações anarco-marxistas e anarquistas de estilo partidário, como foi o caso na Argentina da Resistência Libertária, assim como de várias organizações plataformistas.

Na maioria destas tendências e organizações existem certos pressupostos compartilhados, padrões comuns e elementos afins, que permitem englobá-las em uma única corrente. Seu elemento mais

destacado é a concepção de que a revolução anarquista deve ser propulsada por organizações de tipo partidárias. Esta concepção tem sido justificada sob diversos ângulos com argumentações diferentes, nem sempre congruentes entre si. Desta forma, os pontos em comuns prevalecem sobre as diferenças, parecendo tons de uma mesma cor.

Provisoriamente, entendemos por partido político, um grupo de pessoas conformando uma organização política inscrita em uma ideologia com programa de ação, cuja finalidade se traduz na tomada do poder político; uma organização independente do Estado que tem como pretensão ser representante da vontade geral, bem como dos interesses da maioria.

Partido político se apresenta como veículo de transformação social, um meio para alcançar um fim (governo). A concepção de partido anarquista se ajusta aos parâmetros gerais dos partidos políticos em teoria, salvo em que visa a tomada do poder político; o meio de transformação social é a organização partidária. Frente a esta concepção representativa, diretiva, externa e mediadora do plataformismo e do anarco-partidarismo, se ergue a maior parte do movimento anarquista em todas suas outras vertentes. A seguir, examinaremos alguns pressupostos básicos que estas tendências utilizam para justificar a necessidade da organização partidária.

O que é um partido político?

Os partidos políticos surgiram como agrupamentos ou clube de indivíduos colaboradores que apoiavam a candidatura parlamentarista de um político.

Desde sua origem, no início do século XIX, se vincularam à idéia de governo (acesso ao poder) e à idéia de eleições representativas. Eram frações ou grupos organizados em torno de um candidato. Com o passar do tempo adquiriram um caráter muito menos provisório/circunstancial e converteram-se em organizações mais formais, estratificadas e burocratizadas, não mais em torno do indivíduo e sim em torno de um programa ou de uma ideologia. Em termos mais modernos – segundo o estudioso Francisco de Andrea Sanches – um partido político apresenta certas características que o diferenciam de outro tipo de agrupamento político: “a. uma organização permanente, completa e independente, b. uma vontade de exercer o poder, c. busca o apoio popular para poder se conservar”. Este autor ressalta que “todo partido político é um grupo político, mais nem todo grupo político é um partido político.” Um grupo político pode ser uma ONG, um grupo sindical, um grupo universitário, um clube, porém não necessariamente um partido político.

Esta distinção é essencial quando se abordar o porquê do rechaço dos anarquistas à conformação de partido. Todas as definições de partido político levam como ingrediente indissolúvel a vontade de ascender ao



**Não há partidos no anarquismo e nem vanguardas ...
Façamos nós tudo que nos diz respeito, sem partido,
sem patrão, sem Estado, sem religião.**

governo. Vejamos as seguintes definições:

1-“um partido político refere-se a uma organização estável, cujo objetivo é conseguir manter seus líderes no controle de um governo, além de dar aos seus membros benefícios e vantagens ideais e materiais por meio de tal controle.” (Friedrich, Carl. J. *Teoria e Realidade da Organização Constitucional Democrática*, México, FCE: 297).

2-“a forma de socialização, desencadeada em um recrutamento livre, tem como fim, proporcionar poder ao seu dirigente dentro de uma associação e outorgar por esse meio, aos seus membros ativos, determinadas probabilidades ideais e materiais” (Weber, Max. *Economia e Sociedade*, México, FCE, 1969: 228).

3-“um partido é um grupo, cujos membros se propõem a atuar em conjunto em busca do poder político” (E. Schumpeter, citado em Andrea Sanchez. *Os Partidos Políticos*: 61).

Estas são algumas das definições que a sociologia moderna admite para a categoria “partido político”. Então, um partido é uma organização estruturada para dirigir, administrar, representar, governar, uma entidade essencialmente mediadora que “promove a ação indireta”. Concluindo, o formato de partido resulta de uma contradição com as finalidades básicas do anarquismo: acabar com todo o tipo de poder político, eliminar o Estado e toda a forma de governo. Esta é a principal objeção que se pode fazer à idéia de um partido anarquista.



A falácia do partido bakuninista

Esta incongruência entre meios e fins só se dá pelos “anarcos”-partidaristas, afirmando que quando falam de partido se referem no sentido que Bakunin cunhou, como é o caso da ACL mexicana. Em um documento denominado O Anarquismo Revolucionário e os Partidos Políticos, citam que Bakunin “compreendia a perfeição da necessidade histórica de um partido revolucionário, formado unicamente por elementos mais entregues e desprendidos à causa revolucionária. Bakunin veio a criar, no ano de 1868, a “Aliança da Democracia Socialista”.

A Aliança era um agrupamento político de vanguarda, nascida para a ação, como disse o próprio Bakunin: “O único objetivo da sociedade secreta é não ser a constituição de uma força artificial fora do povo, mas sim despertar e organizar as forças populares espontâneas”. O papel da vanguarda não é dirigir ou conduzir as massas à revolução, mas sim influenciar as classes populares para auto-organização e emancipação das mesmas, estimulando a ação direta

espontânea. Bakunin refere-se, na realidade, a pequenos grupos independentes interconectados entre si, que respondem ao mesmo ideal revolucionário e isto era o que se propunha a Aliança, influenciar as massas, não dirigi-las a uma posição de poder.

Bakunin jamais demonstrou interesse na continuidade de tal organização depois de produzida a revolução, o qual aponta uma visão insurrecionalista da revolução social. O tempo de permanência e a participação reformista estavam excluídos das atividades da Aliança.

Tomando algumas de suas frases, poderíamos interpretar que existem pontos de contato entre a vanguarda de Bakunin e a “direção revolucionária de Lênin”. E isso é possível porque a obra de Bakunin é assistemática, difusa, dispersa, fragmentada, descontinua, e muitas vezes confusa (o que se traduz em expressões como “a Aliança, tem por missão em dar às massas uma direção realmente revolucionária”). Por outro lado, a obra de Lênin é consideravelmente mais compacta e estruturada, o que nos oferece menos dúvida. O britânico Christopher Hill – o mais brilhante historiador marxista de sua geração – descreve, sucintamente, a idéia de partido que defendia Lênin, em seu livro *O que fazer? -1902* : “ Só um partido político de classe operária poderá ser instrumento de revolução, não haverá movimento revolucionário sem uma rigorosa orientação teórica. Mas a consciência de classe não poderá brotar espontaneamente na classe operária; deverá ser introduzida de

fora por um partido político que constitui a vanguarda e assim guia conscientemente a classe operária”. Por isso quando a ACL propõe a “necessidade histórica” de um partido revolucionário e de seguir Bakunin, está claro que se encaixa no pensamento leninista. Por outro lado, a ACL não se autodenomina um partido apenas por questões táticas, “posto que hoje em dia se entende por partido, uma noção burguesa do termo: eleições, parlamento, poder político, e toda uma série de conceitos que vão contra a emancipação popular”, o que na realidade não pode significar outra coisa do que senão: “somos um partido, mas não reconhecemos publicamente para evitar objeções”.

Para a ACL, os partidos políticos autoritários são burgueses, leninistas, considerados verticais e centralistas, em oposição ao partido anarquista, que de todo modo, não deixa de lado a divisão entre dirigidos e dirigentes, emancipados e emancipadores, inconscientes e conscientes, é nisto que se resume a suposta “tendência bakuninista”. Como bem nos mostra a esse respeito o conselheiro Roi Ferreiro: “quando a ACL afirma que sua pretensão é ”inserir nosso programa socialista libertário nos movimentos populares é conduzir as lutas populares por um caminho anticapitalista”, estão dizendo tudo. Quem não nota nenhuma diferença essencial entre o “partido revolucionário” e os demais que assim se proclamam, está cego”.

O paradoxo, nesse caso, é que a ACL pretende diferenciar-se do leninismo atribuindo ao próprio

Bakunin a paternidade do pensamento leninista: “a concepção de uma organização dos elementos de uma vanguarda não é como muitos pensam, expostas pela primeira vez por Lênin. Com décadas de antecipação, Bakunin entendeu que as organizações de defesa e resistência de uma Frente de Massas (por exemplo, o sindicato e as associações operárias internacionais) não eram suficientes para construir uma luta revolucionária, os núcleos revolucionários mais conscientes que disputarão a direção dos movimentos populares junto às tendências reformistas e àquelas essencialmente burguesas”. Aqui se revelam em toda sua essência um partido político que compete por poder, com características similares.

Este nunca foi o pensamento de Bakunin.

A ACL nos mostra que sua principal divergência com pensamento leninista consiste no desinteresse da organização anarquista em tomar o poder, deve-se ter claro que os fins são opostos, mas os meios são similares. A todos aqueles que com boas intenções aderem a esse tipo de proposta, deveria acender uma luz de alerta, porque o salto que vai da direção dos movimentos populares à direção político-econômica da sociedade por uma organização anarquista pode ser, na realidade, apenas um passo.



A artimanha do Partido de Malatesta

Evidentemente ao conteúdo contraditório de terminologia “partido anarquista”, tão pouco escapa os outros agrupamentos que tendem justificar sua utilização. Por exemplo, em Hijos del Pueblo nº 7 (BSAS-2007), afirma que nos anos 1970 a Liga Anarco-comunista e Resistência Libertária “apontavam como estratégia a necessidade de construção de uma organização específica anarquista”. Isto foi feito retomando os escritos de Bakunin e Malatesta.

É preciso esclarecer que a resistência libertária era um partido formado de quadros com concepção moderna do termo, inspiradas nos partidos da esquerda revolucionária dos anos 70. Por isso, é incorreto se referir a Malatesta e a Bakunin para justificar a necessidade de formar um partido anarquista. A terminologia “partido”, tal qual usava Malatesta, não tem o mesmo sentido histórico que “partido político”, mas era, sim, usado como sinônimo de organização, agrupação, grupo político, ou facção.

Um partido em sua concepção moderna é uma classe de organização

bem definida. A própria FAU - que apresenta uma versão de anarco-partidarismo de cunho próprio – em sua página na web, declara que o sentido que deu à terminologia de partido “é o conjunto de todos aqueles que combatem por um objetivo político-social dado, com os mesmos critérios e acordos independentemente das formas específicas de organização e também da sua existência ou não”. Quando Malatesta falava de partido, não falava de outra coisa se não de organização, frente as posturas individualistas de sua época.

Já mais se referiu a um partido político de qualquer espécie, porém a um conjunto de indivíduos que tem por objetivo comum o esforço mútuo para alcançar esse objetivo. A discussão, nesta época, dava-se em torno do dever em atuar em organizações ou individualmente. Não era questionado sobre a existência de partidos. Por exemplo, vejamos a forma de organização que Malatesta concebe: “desejamos que os grupos anarquistas se multipliquem e se inchem. Seja uma federação, sejam dois, sejam cem: o importante é que cada um aja no ambiente que o convém, que cada um possa trabalhar segundo suas idéias e temperamento, e que a associação não seja um limite a sua liberdade, mas sim, um modo mais eficaz de sua atuação, a verdadeira liberdade. A liberdade do individuo em um grupo e do grupo na federação”. Esta é a concepção aberta do termo “partido” que Malatesta se referia, a qual não corresponde à concepção restrita de partido político, mas é aplicada a diversos tipos organizações e associações.

Ainda sim, Malatesta condenou explicitamente o tipo de organização partidária de corte leninista – como faz o plataformismo – e advertia que se a revolução era obra da organização anarquista e não dos trabalhadores por si mesmos, já não haveria triunfo do anarquismo, mas sim um triunfo dos anarquistas. Por mais que nos chamássemos de anarquistas, na verdade não seríamos mais do que simples dirigentes/governantes, seríamos impotentes para o bem comum, assim como são os governos. Então, utilizar a expressão partido anarquista, no sentido malatestiano, é um anacronismo reprovável na terminologia, organização ou coletivo anarquista; é atribuir à expressão um significado totalmente diferente a que seu autor dava. Esse absurdo não encontra nenhuma justificativa quando Vernon Richards e Angel Cappelletti, um dos melhores comentaristas de Malatesta, nunca interpretara o significado de partido anarquista como proposta de formação de partido político.

Então, qual o sentido de insistir na organização da terminologia de “partido anarquista”, para na realidade esclarecer que se faz referência a um agrupamento político completamente diferente ao que normalmente se entende por um partido político? Pode ser que a resposta seja a busca da naturalização do termo partido entre os anarquistas como primeiro passo para a conformação dos partidos políticos “anarquistas” propriamente ditos.

Patrick Rossineri (Lirbertad! – dezembro 2007, nº 45)

Repressão forte e existente, resistir tenazmente é preciso (Anti-carceres)

É comum um Estado manter forças de repressão cuja a função é o controle e neutralização de qualquer ameaça ao sistema. Tudo que não estiver dentro dos parâmetros de normalidade serão enquadrados como crimes e serão tratados conforme as leis penais controladas pelos poderosos e quase sempre aplicadas contra nossa gente.

Fruto da desigualdade social, o judiciário é uma armadilha mortal para nossa classe, que lotam os carceres por leis que encobrem os crimes dos ricos e pune nossa gente.

As policias, as forças armadas fazem o trabalho sujo de manter o sistema funcionando e removendo qualquer que se oponha, critique ou queira fazer o mesmo que os poderosos fazem, isto é, roubar, mentir e assassinar. Muitos apontam que o Estado tem que reduzir a concorrência e manter o monopólio da força!

Em todo caso, não defendemos o roubo, a mentira e o assassinato, mas a distribuição total de todas as riquezas, que em uma análise simples mostra que as riquezas pertencem a todos e não pode ser concentrada nas mãos de uns poucos.

E quando a justiça é uma estrutura da desigualdade, nossa classe não tem muita escolha, ou resiste de pé ou se submete de joelhos a ser roubada, encarcerada e assassinada pelo sistema judiciário.

A construção do comunismo libertário precisa entender o processo de repressão, os seus fundamentos e como evita-lo dentro de nossa proposta. Não podemos simplesmente entender que o advento revolucionário, que não será tranquilo porque ameaça a estrutura de acumulação de riqueza, a propriedade e o regime de herança, que possuem terríveis cães prontos para atacar qualquer ameaça a estrutura que os alimentam.

Esse entendimento é a compreensão que o sistema penal é injusto e aplicado para conter o desenvolvimento de situações de questionamento do sistema e desenvolvimento de outras formas de se viver socialmente, sem as relações de desigualdade mantidas pelo sistema. Acima de tudo, as forças criadas servem para a manutenção da ordem, da normalidade e para o progresso do capital, que não é de nossa gente, que fica apenas com as migalhas.

Através da luta, construiremos nossa liberdade e isso não podemos esperar de ninguém, avancemos!





História de exploração: café, combustível do capital

A revolução industrial precisava e ainda precisa de muita energia e atenção por parte de seus trabalhadores, mas como obtê-la, se os trabalhadores (pensemos na Europa do século VIII e XIX) em sua maioria viviam embriagados e com pouca disposição para jornadas de trabalho extensivas (até hoje não é bem aceita, com toda razão!).

É aí que entra o estimulante sem álcool chamado café, originário da Etiópia e que se difundiu pelo mundo justamente por ser um energético que ajudava aos trabalhadores ficarem acordados em suas longas jornadas de 14, 18 horas diárias. Logo se espalhou junto com o crescimento industrial.

Com isso foi necessário grandes produções de café que suprisse as enormes demandas que cresciam a muito. O café é um estimulante que causa dependência e o uso excessivo causa diversos problemas, principalmente no sistema nervoso, causando estresse, insônia e problemas estomacais quando usado

abusivamente. Lembremos que o Brasil foi e é ainda o maior produtor de café na forma de matéria prima (commodities), oferecendo grandes safras de valor reduzido.

Existe algumas iniciativa de formar uma marca brasileira no exterior, de café brasileiro industrializado no Brasil. Deve-se lembrar que como foi escrito acima, boa parte do café consumido no mundo é de origem do Brasil, mas como é industrializado em outros países, não consegue referência no mercado industrializado. Mas isso pouco nos interessa, já que como no passado, todo o lucro da exportação do café se manteve dentro classe dominante, isso não mudou e nossa classe é explorada regada a muito café.

Não pretendemos que parem o consumo de café, mas que ao tomar o próximo cafézinho, entenda que ele ajudou e ajuda no processo de exploração do capital, mantendo os trabalhadores "energizados" para a produção.

É importante entendermos como se deu nossa história e o porque das coisas, para nossa consciência atual e como altera-lo.





Haiti, demagogia da tragédia.

Assolado por um terrível terremoto, o país passa por uma das piores situações sociais possíveis. E isso se deve muito mais pelas continuas intervenções estrangeiras do que pelo desastre natural em si. Espanhóis, franceses, ingleses, estadunidenses tentaram controlar o país.

O país, desde sua independência, foi o primeiro da América a conseguir a ser independente nos moldes reais republicanos, de um povo afro-descendentes. O que atraiu a inúmeras invasões por parte principalmente dos EUA, criando governos fantoches e ditaduras cruéis. A cada reorganização da sociedade haitiana, houve ataques dos ditadores vinculados ao EUA destruindo a reestruturação social.

Chegaram ao ponto aniquilarem qualquer forma de organização econômica que não seja controlada pelas forças “invasoras” de paz, lideradas pelo governo brasileiro. As tropas que estão lá são formadas de soldados treinados para enfrentamentos de distúrbios civis e enfrentamentos urbanos. Estão lá se preparando para fazer o mesmo nas favelas do Brasil, já que entendem que no século XXI, os grandes confrontos serão nas cidades, por conta do aumento das desigualdades sociais.

As próprias forças brasileiras estão cientes que são um estorvo para a paz, como o as tropas estadunidenses no Iraque, são invasores, de arma na mão interferindo nos rumos das sociedades haitianas e iraquianas. São interesses de poderosos sobre um povo oprimido e que não tem a liberdade de cuidar de seus próprios problemas. Ilustremos a situação com o seguinte exemplo: se em nossos bairros populares tiver grandes picos de violência e a polícia for incapaz de controlar e a ONU entender que deve intervir, ela mandará milhares de “capacetes azuis” para o controle dos distúrbios sociais, alegando que trazem a paz que o governo brasileiro não consegue. Mas temos um aparato de repressão policial grande, além de contingentes militares das três armas em abundância para fazer o controle de distúrbios civis (é como eles tratam qualquer levante popular) e essa situação é pouco provável, mas se acontecesse, seria considerado uma invasão. E é isso que estamos fazendo no Haiti, é isso que o EUA fazem no Iraque, fazem no Afeganistão e assim vai. Entendamos isso como uma prepotência de um país sobre outro.

Por que ser contra a invasão do Haiti?

Pelo esboço acima, entende-se que as intervenções estrangeiras no Haiti foram inúmeras e catastróficas para o povo haitiano, até mais do que o último terremoto que assolou o país.

A cada invasão, as situações sociais, econômicas e políticas ficaram pior, tendo na MINUSTAH um grande agravante.

Existe uma concepção global, de que os países que supostamente “não possuem estrutura”, devem ser amparados por aqueles países (melhor seria governos!) que estão também supostamente melhores.

Essa pretensão não é só com os países que estão em péssimas condições, mas qualquer um que seja identificado como ameaça, suspeita, que tenha uma

história problema e que justifique uma “intervenção” internacional, sempre tendo a ONU como o principal articulador.

A ONU é uma fachada para interesses de grupos internacionais, que a usam para manobras de interesses estratégicos (políticos e econômicos principalmente). A miséria é uma mercadoria valiosa que enriquece uma minoria e amplia a desigualdade social, criando uma ciranda sinistra de destruição e repressão. As



práticas assistencialistas faturam bilhões com a distribuição de remédios, armas e comidas, um assistencialismo de alto custo e de pouco retorno, já que não resolve a questão principal: o fim da miséria, ou seja, o fim da opressão e exploração.

Para coroar essa prática intervencionista, o terremoto só reforçou essas práticas que ajudam a aniquilar a cultura haitiana e ampliar o tempo de intervenção/invasão estrangeira na ilha.

Esse paternalismo se vale da razão da força sem ter nenhuma força da razão.

Haiti livre, é Haiti sem tropas estrangeiras, que seu povo construa sua história e sua emancipação, como outrora já mostraram saber muito bem fazer sem invasão de ninguém. Ajudar a reconstrução do Haiti é respeitar seu povo, sem armas, sem tropas.



La Internacio

(Traduko en esperante por J. Zilberfarb)

Leviĝu, en mizer' dronata
Sklavar' malsata de la ter'
Raci' nin vokas indignanta
Al mortbatalo pro l' liber'.
Malnovan mondon ni detruos
Ĝis fundament' de l' tirani
Kaj nian novan ni konstruos:
ne nuloj – ĉio estu ni!

:-:Por finlukto socia
Ni grupiĝu en rond',
Kaj la Internacio
Triumfu en tutmond'! :-:

Ne la cezar', nek dia volo
La savon portos de l'tiran'.
Liberon donos al popolo
Nur ĝia propra forta man'.
Por ke pereu la rabiloj,
por liberiĝu la spirit',
Varmegan feron la forĝuloj
Ni forĝu mem sen intermit'!

:-:Por finlukto socia ktp.

Premegas ŝtato laboriston,
Imposto kaj konstituci':
Favoras nur ekspluatiston,
Favoras nus al tirani'.
Sufiĉe de suferricevo.
Laŭ egaleca la leĝar'
Neniu estas rajt' sen devo
Nek iu devo sen rajtar'

:-:Por finlukto socia ktp.

Apoteoze abomenaj,
La reĝoj de minar' kaj rel'
Ja estis ĉiam tro senĝenaj
En sia parazita ŝtel'.
En kas' konservis la friponoj
Produktojn niajn de l'labor'
Do per devigo al redonoj
Niaĵon nur ni prenos for.

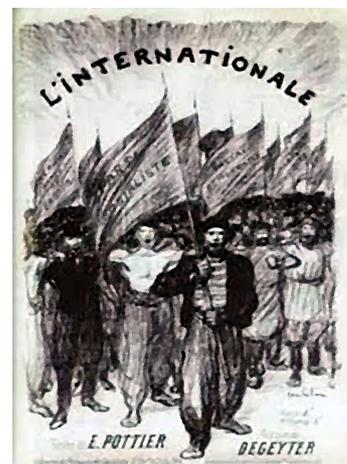
:-:Por finlukto socia ktp.

Estrar' nin trompis artifice, -
Por ni do – pac'! por ĝi – milit'!
Rompinte la armeojn strike
Ni lasu l'vicojn sen hezit'.
Insistis niaj kanibaloj,
Ke kuraĝuloj estu ni, -
Do kontraŭ propraj generaloj
Ekpafos baldaŭ la gvardi'.

:-:Por finlukto socia ktp.

Nur laborarmeaj eroj
De l'urboj kaj de la kampar'.
Posedas rajton pri la tero!
Vi iru for, parazit'!
Kaj se por via bando puno
Alvenos en la flamribel',
Por ni ekbrilos hela suno
Radiante en ĉiel'.

:-:Por finlukto socia ktp.





O que é política?

- O que é política?
 - É a ciência que ensina a viver do orçamento.
 - Que é o orçamento?
 - É a panela nacional onde todos desejam meter a colher.
 - Como se divide a política?
 - Divide-se em partidos.
 - Pode dizer-me quantos há?
 - Dois, os que estão de cima e os que estão de baixo.
 - Como funcionam esses partidos?
 - Os de baixo gritando contra os de cima, os de cima esmagando os de baixo.
 - Costumam inverter-se essas funções políticas?
 - Sim, senhor, por meio de uma troca de papéis determinada por uma revolução.
 - E então que sucede?
 - Sucede que aqueles que esmagaram, gritam, e os que gritaram esmagam.
 - Obtém-se por meio dessa inversão algum benefício político?
 - Não senhor, porque a ordem dos fatores não altera o produto.
- (A Plebe, 24/06/1933)

INVARIAVELMENTE

invariavelmente
advêm
pensamentos hediondos
na cabeça
do poder

SANGUE

sangue

medo

dor

silenciosa-mente o

caos avança

e

todos os dias

explode

uma intifada

nas ruas

do brasil

*Invariavelmente e Sangue são de
Bernard Almeida*



TRABALHADORES+ESTUDANTES+DESEMPREGADOS

**ASSOCIA AO SINDICALISMO REVOLUCIONÁRIO
E LUTA CONTRA A CRISE!**

**Nem 1 hora a mais,
nem 1 R\$ a menos!
Contra o Imposto Sindical!
Construindo a Greve Geral!
Autogestão já!**



A.I.T.

COB
COMUNICADO DO TRABALHADOR

**AVOZ
TRABALHADOR**

A PLEBE

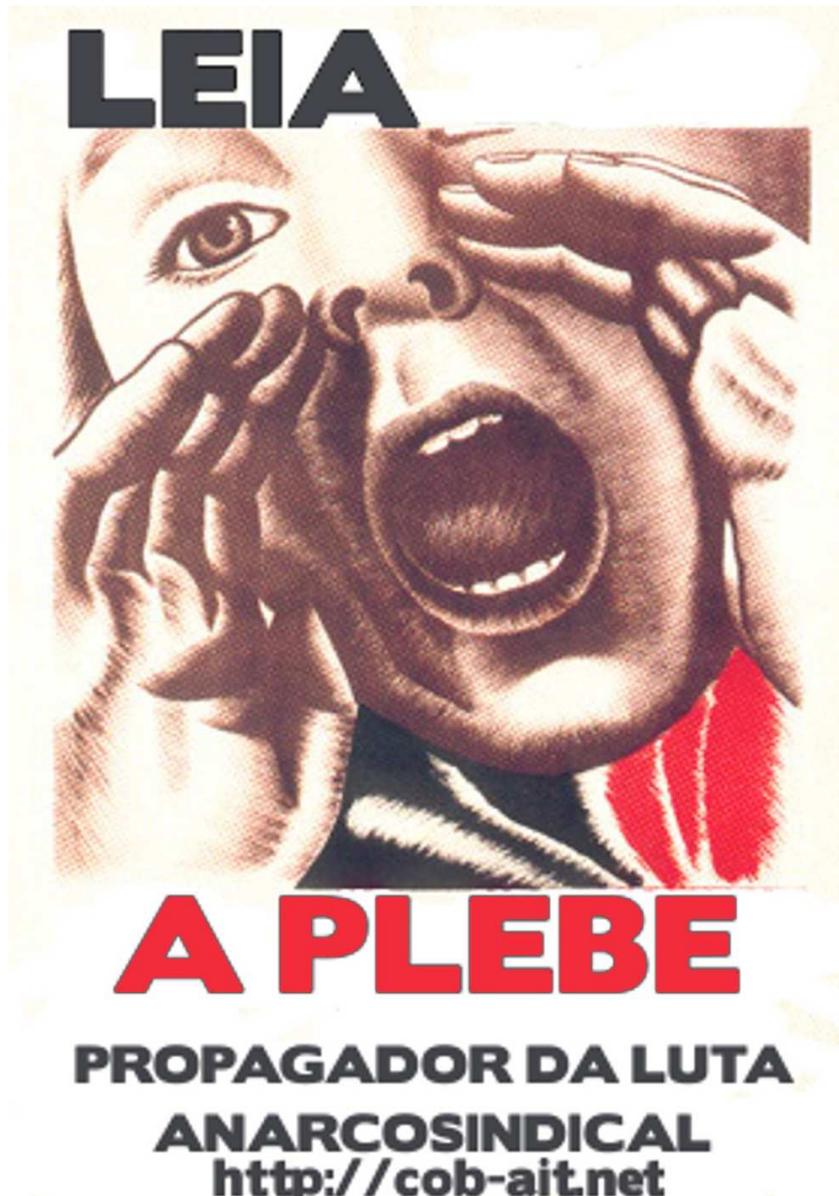


FOSP-COB, outra forma de fazer sindicalismo!

fospcobait@yahoo.co.uk

NEM PÁTRIA, NEM PATRÃO, NEM PELEGO, NEM PARTIDO!

www.fosp.anarkio.net fospcps@anarkio.net



A Plebe é uma publicação da Federação Operária de São Paulo, com informações sobre o sindicalismo revolucionário de todo o estado de São Paulo. Produzido pelos próprios associados da FOSP, é o defensor das classes oprimidas e exploradas. Mais informações:

Federação Operária de São Paulo - FOSP-COB-AIT
Caixa Postal: 1933 CEP: 01009-972 São Paulo-SP

Na rede:
<http://cob-ait.net>
correio eletrônico: fosp@cob-ait.net